J. S. PAES DE VILAS-BOAS
da Associação dos Arqueólogos Portugueses,
do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia
e da Sociedad Malagueña de Ciencias

Primórdios de História Flaviense

A ESTAÇÃO PRÈHISTÓRICA DE S. LOURENÇO

(NÓTULAS ARQUEOLÓGICAS)

Separata da Revista BROTÉRIA
Volume XLI, Fascículos 2 e 3,
Agôsto e Setembro de 1945

LISBOA
1 9 4 5

3)
03.4(469.22)(04)
L

PRIMÓRDIOS
DE HISTÓRIA FLAVIENSE

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
Nº 4444
4. X. 1945
Barcelona Perm.

J. S. PAES DE VILAS-BOAS
da Associação dos Arqueólogos Portugueses,
do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia
e da Sociedad Malagueña de Ciencias

Primórdios de História Flaviense

A ESTAÇÃO PRÈHISTÓRICA DE S. LOURENÇO

(NÓTULAS ARQUEOLÓGICAS)

Separata da Revista BROTÉRIA
Volume XLI, Fascículos 2 e 3,
Agôsto e Setembro de 1945

LISBOA
1945

Primórdios de História Flaviense

A ESTAÇÃO PRÈHISTÓRICA DE S. LOURENÇO

(NÓTULAS ARQUEOLÓGICAS)

I. — **Onde vem escrita a sua antiguidade.** A leitura, na *Etnografia* de J. Leite de Vasconcelos, de uma referência a S. Lourenço, despertou, em mim, o desejo de conhecer o castro que o referido professor citava. A esta estação não se referia qualquer trabalho sôbre prèhistória transmontana e, nas obras onde poderia existir, não havia a indicação de tal castro.

Posteriormente a ter principiado as minhas colheitas e estudos, de que estas notas são relatório, li, com grande agrado, uma notícia de Maxime Vaultier, que vinha reforçar a minha conclusão, quanto à cronologia da estação. A prioridade da notícia cabe, assim, ao referido arqueólogo e não a mim.

II. — **Local da estação e seu aspecto.** Quem, de Chaves, percorra com a vista, de S para N, a Serra do Brunheiro, por meia encosta, nota que uma grande massa granítica, de forma cúbica, se destaca no horizonte; é um bloco central sôbre uma elevação do terreno, no lugar do Muro, da povoação de S. Lourenço.

Pelo aspecto orográfico, fàcilmente poderíamos imaginar que se encontraria, ali, o ponto mais alto de qualquer estação castreja, elemento tão abundante na flávia região. O caminho mais cómodo — o mais pintoresco e curto é o trôço, ainda existente, da via romana que, passando na freguesia das Eiras, se perde em S. Lourenço — é a estrada que, de Chaves, se dirige a Vinhais, atravessando, primeiramente, a Veiga, para principiar a subir, um pouco antes de Vilar de Nantes, no lugar da Lomba. Sem mais sinal de povoação, e próximo dos 6 mil metros, olhando para a direita

da estrada, vemos sôbre nós, a coroar uma elevação, o referido bloco; um caminho velho levar-nos-á ao alto.

Esta pequena via já é referida por Vaultier, na notícia citada, dando-a como, provàvelmente, anterior às obras romanas, que se espalham pela região, e possìvelmente coeva da estação.

A impossibilidade de larga demora no local, a acção dos agentes atmosféricos, assim como o trabalho de desgaste, a que essa via estêve sujeita, não me permitem definir, com segurança, se será contemporânea da estação ou mais moderna. Na região de Chaves, constroem-se, actualmente, caminhos, cujo aspecto, fàcilmente, nos pode levar a conclusões erradas, quanto à época da sua construção. Quer pela forma da sua fábrica, quer pelos materiais empregados, são tão semelhantes às construções congéneres antigas — especialmente, romanas — que, fàcilmente, podemos cair no êrro de julgar encontrar uma via de determinada época, muito recuada, quando, na verdade, não pisamos mais do que um caminho com algumas dezenas de anos. Não pretendo, com isto, destruir a hipótese formulada por Vaultier, muito aceitável, e que lamento não ter tido possibilidades de transformar em verdade indiscutível.

O aspecto orográfico do terreno mostra bem como o seu local se prestava a fácil defesa (fig. I). Os vestígios encontram-se dispersos por uma larga área, ocupando tôda a superfície do morro, e alargando-se por uma vinha (fig. II), até ao cemitério.

Não me repugna admitir que o espólio, encontrado aqui, tenha sido levado em transportes posteriores de terras para nivelamentos, como é muito possível que outros agentes tenham influido nessa dispersão. Mesmo admitindo tal facto, e que sob ela não exista, em tôda a sua área, uma camada arqueológica, é tão grande o número de fragmentos cerâmicos e tão variada a sua decoração, que nos indica, com tôda a certeza, ter existido ali uma importante póvoa, largamente habitada. Excluída a parte que está a vinha, e que a fig. II mostra perfeitamente, quási todo o terreno se encontra, como se vê nas figs. III, IV e V. Terreno, em grande parte, inculto, com legítimo proprietário, pela proximidade a que se encontra da povoação hodierna, principiou a ser revolto pela exploração e rebentamento do granito para construções, e pelo amanho de pequeninas parcelas de terra.

Na parte mais alta, já se efectuaram terraplanagens para N.

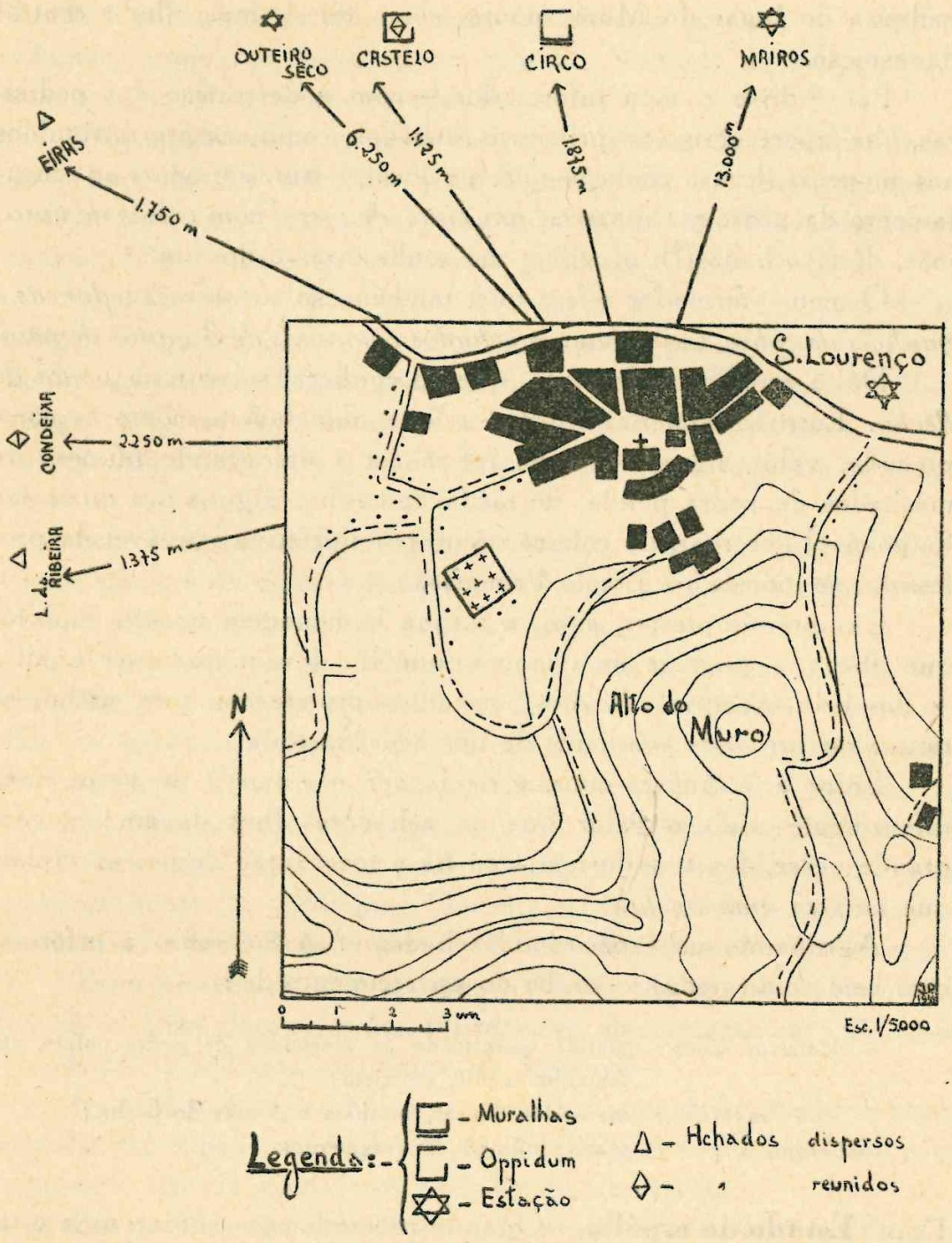


Fig. I

III. — **Colheita de informes e material.** A pessoa mais indicada, que encontrei, para me fornecer os elementos informativos de que carecia, foi o Sr. Manuel António Mendes (o Melro), da mesma povoação, homem velho, que, auxiliado por António Rosas, explorou para obras, o granito da

pedreira do lugar do Muro, ponto, como referi, mais alto e central da estação.

Foi — disse o meu informador — com a destruïção das pedreiras que apareceram os primeiros achados, como sempre, atribuídos aos mouros. Reza a tradição que, no local, e anteriormente ao rebentamento da pedreira, apareceu *um cinto de metal com coisas de ouro;* mas, dêste achado (?), ninguém me soube dizer o destino.

O meu informador refere que, também, se encontraram *lanças e punhais de cobre,* assim como *machados com mais de 3 quilos de pêso.*

Dêste espólio, nada resta, que eu conheça, salvo uma *ponta de flecha.* Entre o material lítico — a que não davam, como se compreende, valor algum — só há referência a um grande número de machados de pedra polida, de médio tamanho, alguns dos quais me foi possível observar, na colecção que, por iniciativa louvável da professora, se guarda na Escola Primária.

Cumpre-me prestar, aqui, a minha homenagem ao seu espírito, que chega â premiar as crianças, que lhe levam qualquer espólio — um belo exemplo a seguir por tantos professores, que, assim, se tornariam preciosos auxiliares da nossa pré-história.

Entre a cerâmica, enorme devia ser o número de vasos, mas infelizmente nulo o valor que os achadores lhes davam; e, com grande pesar, dos seus formatos só há a recordação de um exemplar, que *parecia uma tigela.*

Agrupando as espécies de achados — só me refiro a informações bem confirmadas — soube do aparecimento de:

— *Material lítico:* grande quantidade de machados de pedra polida, em tamanho médio, de xisto;
— » *metálico:* machados, lanças, punhais e pontas de flecha;
— *Cerâmica* : grande número de fragmentos.

IV. — **Estudo do espólio.** Quando pretendemos estudar uma estação com elementos colhidos à superfície e, por êles, fazemos afirmações, ficamos sempre sujeitos a correcções posteriores.

O material lítico, característico desta época, falta-me completamente. O paralelo que o meu informador fêz do material metálico, com gravuras que lhe mostrei, é que me levou à conclusão de pertencerem os machados à 1.ª e 2.ª época do bronze, segundo a classi-

ficação de Dechelette. Mas, dentro do sistema que me vi forçado a adoptar, sempre devemos contar com boa vontade do informador, e com o gôsto de se tornar agradável.

Empreguei todos os meios para não cair em tão grande falta, e, para isso, dei-lhe trabalhos para folhear, vêr as gravuras, com o pedido de, quando notasse alguma peça igual à que êle conhecia, mo indicar. Diminuí, assim, ao mínimo possível, o valor do êrro.

Quando estive por terras flavienses, tive conhecimento de ser vulgar o aparecimento de machados de pedra polida, quer na região de S. Lourenço e Eiras, quer em Casas Novas, Nogueira de Montalegre e Casas dos Montes. Na sua generalidade, de xisto, os dois últimos são de fibrolite, e, possìvelmente, pelo seu diminuto tamanho, votivos.

Esta multiplicidade de achados indica, com certa probabilidade, novos núcleos de cultura neolítica do Norte, dando possìvelmente, no futuro, idéia mais completa dos seus roteiros.

A peça, que foi primeiramente atribuida ao homem paleolítico, e estudada como tendo aparecido na Serra do Brunheiro — serra que fica na margem esquerda do Tâmega, e entre êste e aquela ficam S. Lourenço, Condeixa, Castelo, Eiras e outras — foi, segundo me informaram, encontrada com outra igual, na Condeixa, a 2.250 metros de S. Lourenço. Esta peça primorosa, de sílex, foi classificada — em correcção posterior — pelo prof. Obermaier, de neolítica, cronologia confirmada pelo prof. Breuil, quando da sua última estadia em Portugal.

Teria pertencido a S. Lourenço? Seria de algum habitante de póvoa neolítica desaparecida, dos terrenos actualmente em cultura de Condeixa? Problemas que ficam em suspenso.

É, infelizmente, só sôbre a cerâmica que pode incidir o nosso estudo, pobre pelo material colhido, todo fragmentado, mas, em compensação, rico de exemplares variados de decoração.

Foi no Museu do Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto e no trabalho citado de Santos Júnior, referente a Mairos, que eu encontrei uma igualdade perfeita de técnica e decorações, entre a cerâmica por mim colhida (fig. VI e VII) e a exposta neste Museu, da época eneolítica.

Mairos, Outeiro Sêco, Cachão da Rapa e Penha com uma nova de Gandra — Esposende — que Santos Júnior, por certo, estudara, apresentam um paralelo tão grande nas pastas e decorações, que

uma vez misturadas, não as conseguiríamos separar. Êste facto facilitou-me, extraordinàriamente, o trabalho. O meu esfôrço limitou-se a uma comparação de tipos; a classificação cronológica estava feita.

Se, do trabalho publicado na «Homenagem a Martins Sarmento», se substituíssem as gravuras pelas que apresento, o texto poderia ser o mesmo, tal é a identidade que existe entre as duas estações transmontanas. A fig. VI mostra um fragmento grande de um vaso cónico de fundo esférico; é o único que, pelas suas dimensões, se pode reconstruir com certa segurança. Na mesma figura, os fragmentos, que levam os numeros 7, 10, 11, 12, 16, e 17, deviam pertencer a vasos do mesmo tipo. Os restantes bordos — a sua curvatura o mostra, perfeitamente — eram parte de vasos em forma de túlipa. A fig. VII mostra os diversos tipos de decoração que colhi.

De todos os exemplares, há larga representação nas estações apontadas do Norte, sendo a decoração 6 e 9 da fig. VI e 1 e 25 da fig. VII, aquela de mais largo uso, pois até a vamos encontrar num fragmento que forneceu o espólio do castro luso-romano de Faria, no local onde, em época histórica, se deu o feito do Alcaide do mesmo nome. Não encontrei exemplar algum, que me indicasse uma cultura coeva de Palmela ou Alapraia.

V. — **Cronologia da estação.** Pela soma de elementos, a estação de S. Lourenço — a 5000 metros de Chaves, a 6250 de Outeiro Sêco, a 1750 das Eiras e a 13000 de Mairos (distâncias em linha recta) — deve ser classificada, cronològicamente, dentro do eneolítico, um eneolítico do Norte de Portugal, menos avançado que o de Palmela, Alapraia e Vila Nova de S. Pedro, e para o qual, segundo Schmidt, devemos atribuir uma antiguidade superior a 2500 a. C.

VI. — **Teria sido habitado, posteriormente?** Não resta dúvidas que, entre os fragmentos cerâmicos da estação, atribuidos à cultura eneolítica, se encontram alguns tìpicamente luso-romanos. Esta sobreposição de civilizações, que se não encontra em Mairos, por exemplo, é um facto inegável na maioria dos nossos castros, em que não só se nos apresentam várias camadas, como, por deslocamentos ou revolvimentos de terras, o seu mobiliário nos aparece a um mesmo nível.

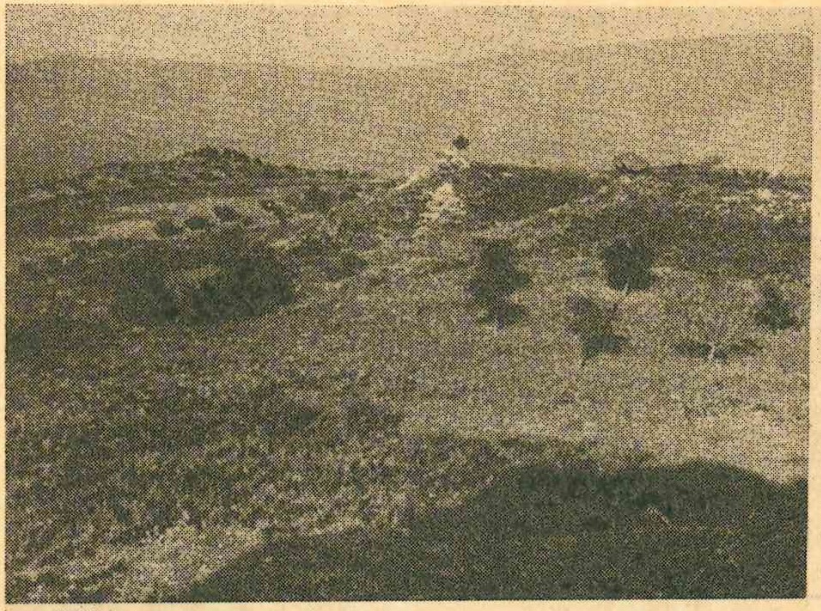


Fig. II

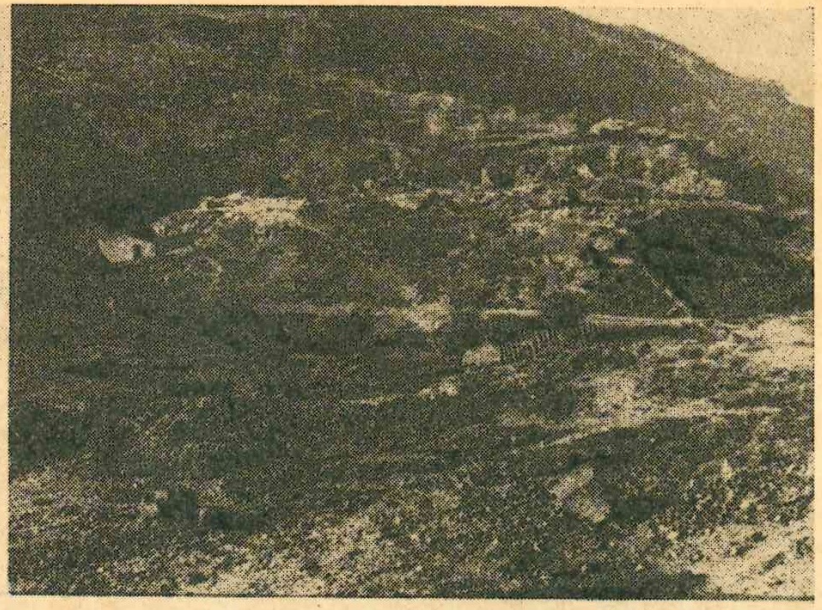


Fig. III

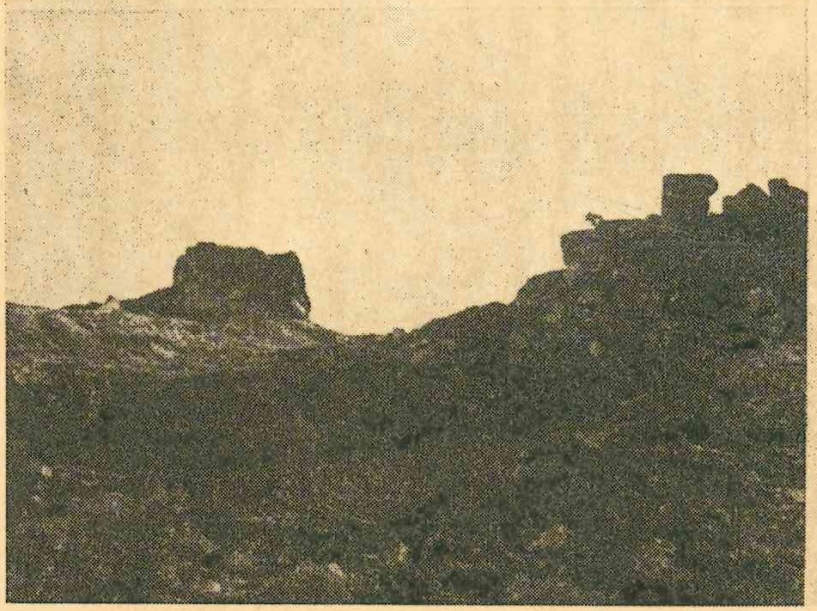


Fig. IV

Fig. V

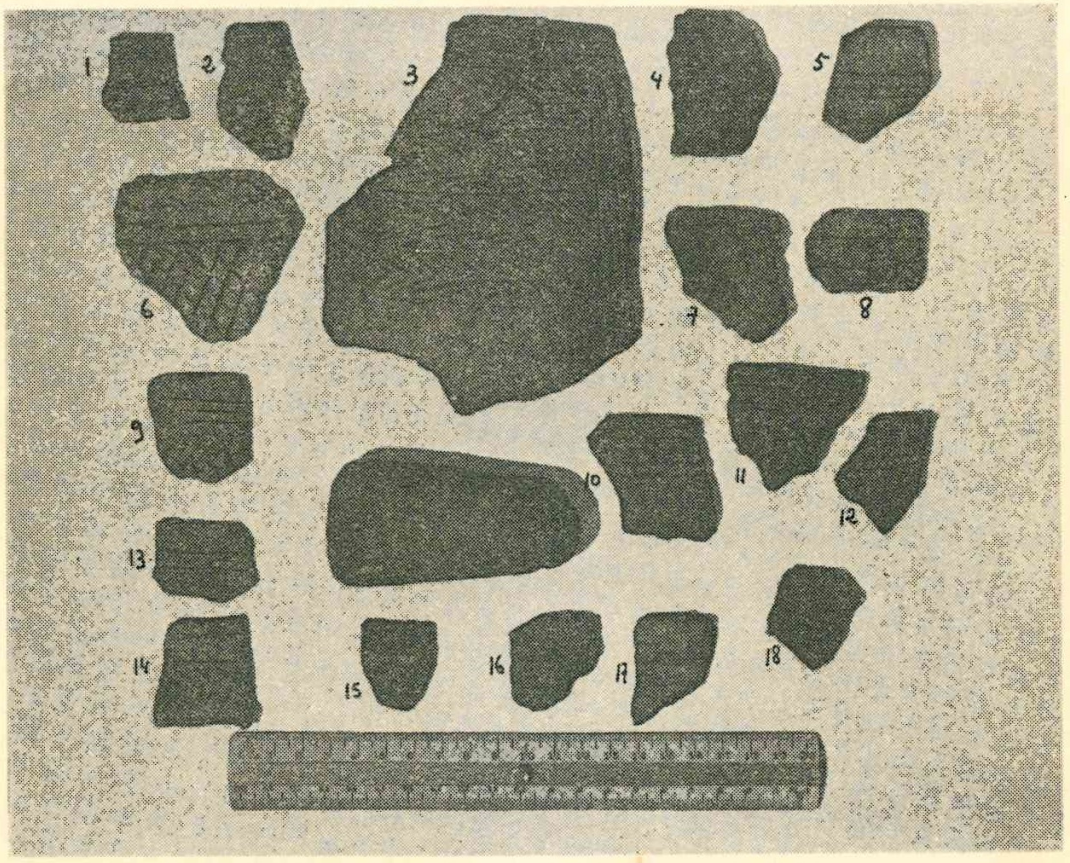


Fig. VI

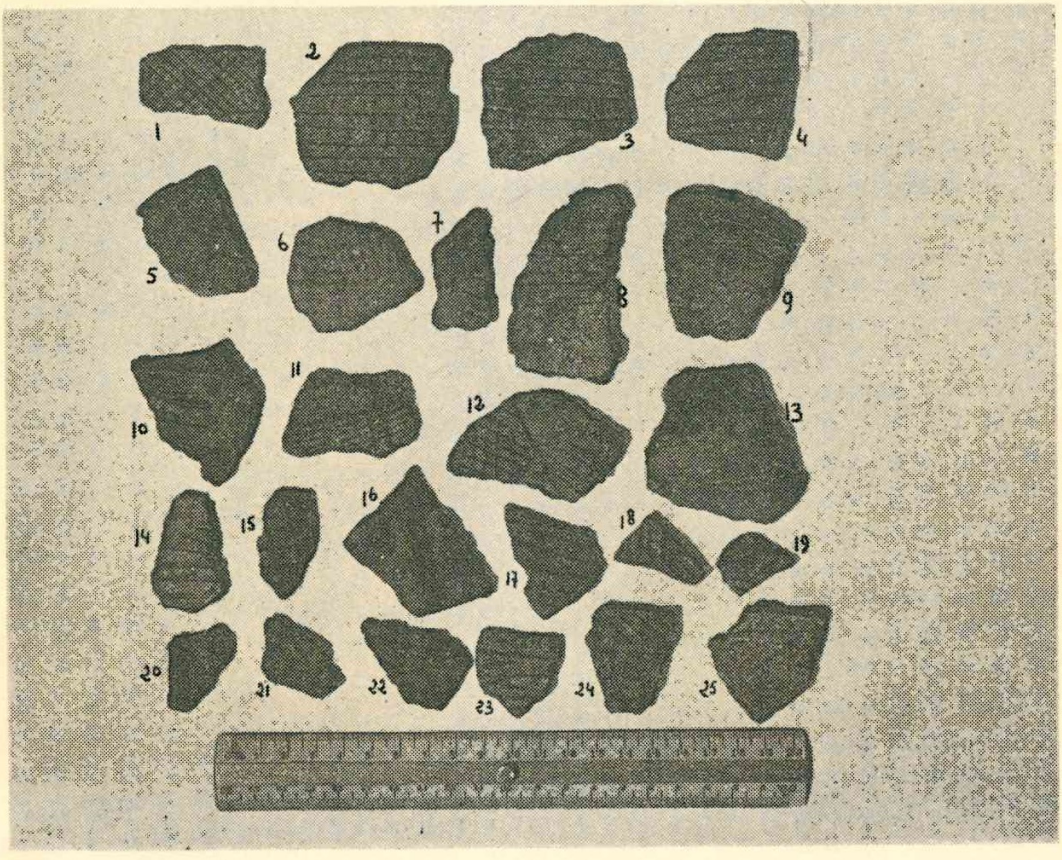
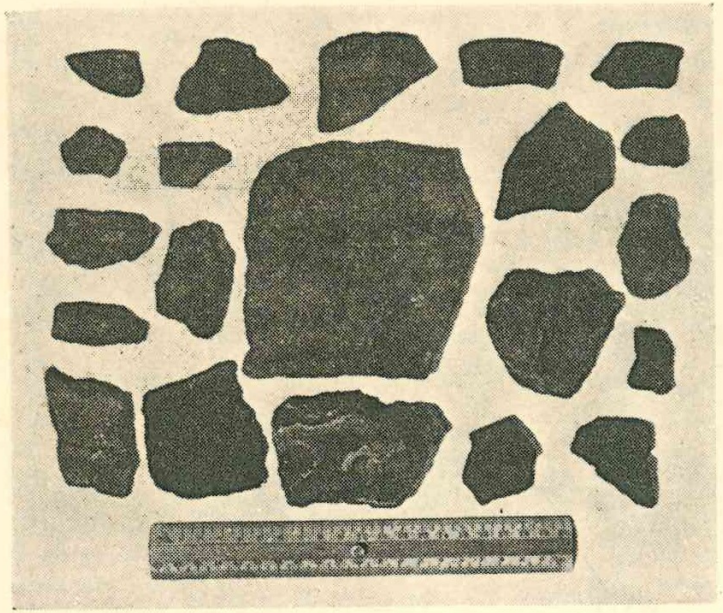


Fig. VII

Fig. VIII



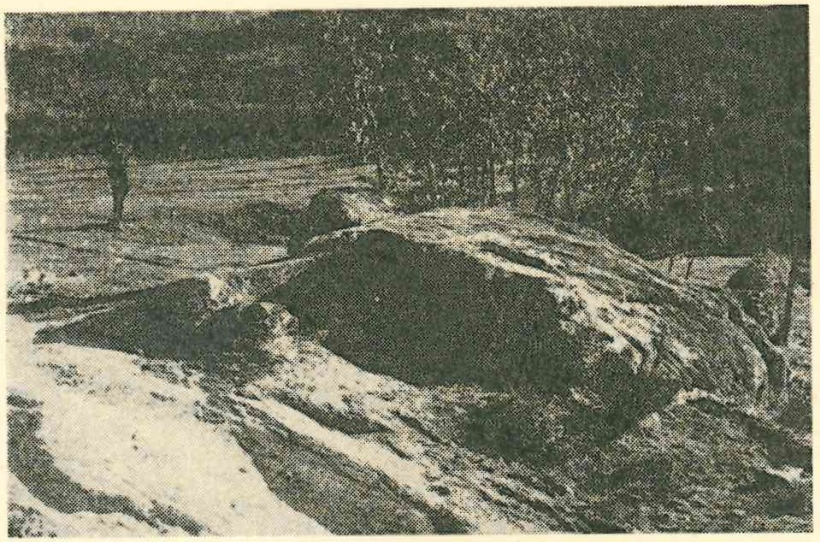


Fig. IX

Fig. X

Fig. XI

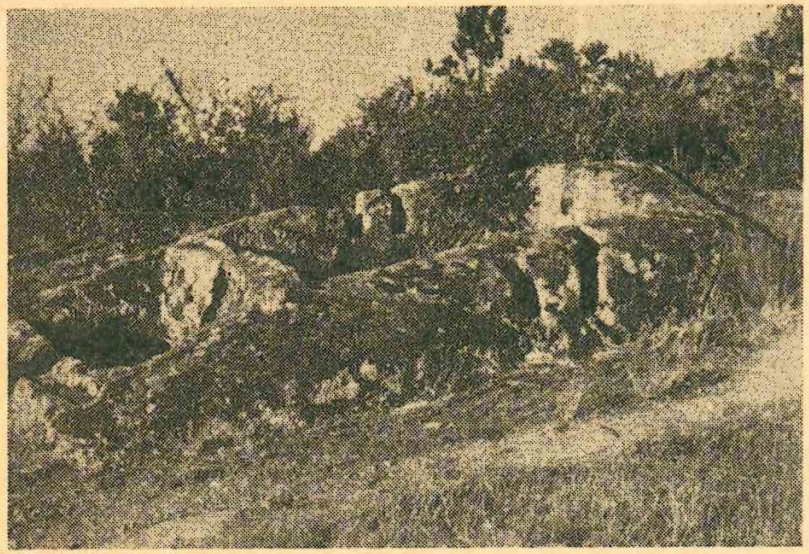


Fig. XII

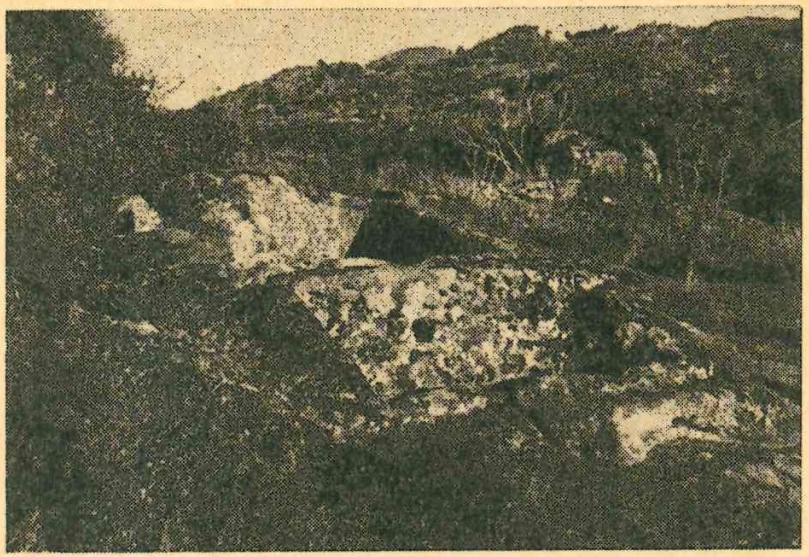


Fig. XIII

Fig. XIV

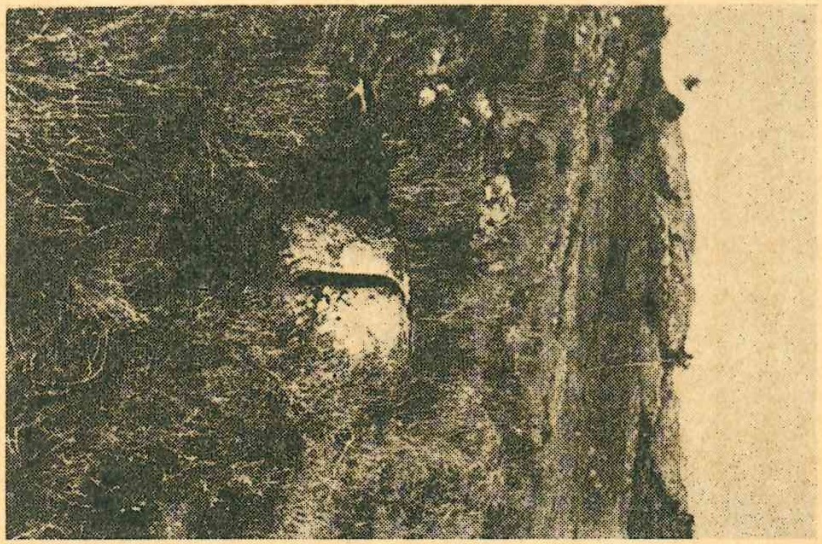


Fig. XV

A presença dêste tipo proto-histórico — já trabalhado na róda — dá-me, como conclusão segura, a existência de uma vida posterior. Mas essa continuidade de vida ter-se-á operado por largo espaço de tempo, e, pelo estudo da estação, poderemos conhecer até que ponto a cultura luso-romana terá frutificado aí?

Há um facto, que reputo de importância, e me leva a concluir que, sendo inegável uma certa permanência de povos aí, na época proto-histórica — conclusão a que me leva o seu tipo cerâmico — essa permanência foi acidental, e, conseqüentemente, de curta duração.

Sou levado a julgar de tal forma, pela ausência absoluta de *tegulae, imbrices* e mesmo de mós *(mola manuaria)*.

É lógico que os elementos encontrados à superfície sejam os mais leves e modernos; mas o aparecimento dos elementos representativos das duas civilizações, completamente misturados, — não esquecendo que são em muito maior número os eneolíticos — leva-me a admitir um revolvimento total.

Se, à mistura com o vastíssimo número de fragmentos cerâmicos eneolíticos, há uma reduzida representação de vasos partidos luso-romanos, com ausência total de *tegula, imbrex*, etc.; se, entre o material lítico, só se encontram vestígios da civilização mais antiga e não há sinais de espólio metálico da época posterior, julgo que devo concluir — salvo melhor opinião — que se viveu, no lugar do Muro, na época luso-romana, mas que essa vida foi curta.

Só uma excavação no local poderá determinar, em absoluto, até que ponto não erro, e creio que a sua efectivação nos daria elementos preciosos, fornecendo todo o material que falta, e que por certo existe, levando-nos a concluir com segurança.

Vivo no campo largo das hipóteses, tendo pôsto na equação *achados de superfície, informações* e o *exame da região*, e no campo arqueológico os problemas, assim, são insolúveis, ou mal resolvidos o que é bem pior.

VII. — **A cultura lusitano-romana à sua volta.** É, sobejamente, conhecida, através de notícias, a densidade enorme dos padrões que nos ficaram desta civilização, e, entre elas, não poderemos esquecer as de J. Leite de Vasconcelos, Abade de Baçal, Luís Chaves, Ten.-cor. Mário Cardoso, Francisco de Barros Teixeira Homem, e tantos outros, que formariam

interminável lista. Salvo o material, que se guarda no Museu Etnológico do Doutor Leite de Vasconcelos, no do Instituto de Antropologia do Pôrto, e no da Sociedade de Martins Sarmento, em Guimarães, e uma ou outra peça em colecção particular de Chaves, todo o resto se vai perdendo, se não fôr a intervenção do Ministério da Educação Nacional, que determine a constituïção de um mapa arqueológico.

Muito fica devendo a arqueologia transmontana ao Ten.-cor. Mário Cardoso, Presidente incansável que foi da Sociedade de Martins Sarmento, o qual tem aproveitado largamente o pouco tempo que lhe sobeja dos seus afazeres profissionais, em Chaves, não só revelando novas estações, como enriquecendo as primorosas colecções do museu sarmentino.

Para o meu relatório, tem valor especial o que, à volta de S. Lourenço, a incúria das gentes não destruíu completamente da civilização luso-romana; e se, desta época, é talvez a região de Chaves uma das mais ricas, falarei sòmente nos vestígios que, pela disposição no terreno, me levem a formular qualquer hipótese.

Entre S. Lourenço e a Veiga, há dois locais, que não nos deixam dúvidas sôbre a sua cronologia: o lugar do Castelo e, mais para N e próximo dêste, o Circo. Bastaria o seu topónimo — como bem diz, o prof. Mendes Corrêa, *a toponímia é um elemento importantíssimo na geografia da pre-história* — por certo, derivados de *castrum* o primeiro, e *circuito* de muralhas o segundo, se não tivéssemos a confirmá-lo o espólio aí encontrado.

No lugar do Castelo, diminuta povoação, existe um morro, conhecido por Castelo dos Mouros. Encimado por um afloramento granítico, hoje quási destruído (fig. V), mostrava, ainda há uns 14 anos, uns restos de povoado, com *3 casas quadradas, feitas de pedra e barro.*

Ainda me foi possível colhêr um pouco desta argamassa *(opus signium):* é formada por uma mistura de pedra miúda e barro, tendo o conjunto um aspecto esbranquiçado, e constituindo uma massa bastante consistente. Estas construções assentavam sôbre uma só pedra — afloramento natural — e pude observar, em 1940, ainda uma, a SW da capela de S. Tiago: media 2 metros por 1, e era nítida a marca que lá deixara a argamassa.

O Rev.º Abade da frèguesia — Padre João Martins — e gente do mesmo local informaram-me que a tradição dizia haver na pedreira

grande — ponto mais alto do castro — *talhadas nas pedras, escadas de acesso para fornos* (cavidades), *abertos na própria rocha.* E Sua Rev.ª referia recordar-se de, *nuns muros que iam junto à vereda de acesso ao Castelo, haver sinais evidentes de cavidades, talvez para nelas se colocarem paus atravessados que dificultassem a subida.*

Tudo se encontra completamente desfeito. O espólio cerâmico apareceu com a demolição da pedreira, e, entre êle, uma *urna* inteira, vazia, logo partida, assim como vasos *parecidos com cântaros,* que tiveram o mesmo triste fim. Encontrou-se, também, grande número de moedas, de metais pobres que... se perderam.

Muito perto do local referido, apareceu, já decapitada e construída em pedra muito branca, uma figura que, segundo me referiu o informador, tinha, debaixo do braço esquerdo, *uma coisa muito semelhante a um canudo.* A imagem era pouco perfeita; e, depois de se convencer que não representava um santo..., deitou-a fora. Mais uma peça que se perdeu.

Concretizando: no lugar do Castelo, quer pela sua toponímia, quer pelo aspecto dos seus achados, existiu um castro.

Como factor curioso, apresenta-se o tipo da cerâmica: grosseira, preta, e, na sua maioria, cordada (fig. VIII). Se nos faltassem outros elementos para a determinação cronológica desta estação — as informações —, bastar-nos-ia a sua cerâmica, tipològicamente castreja e da época luso-romana. É tão vulgar, êste tipo, nas estações coevas nacionais, que, por isto, julgo desnecessário o seu estudo.

O lugar do Circo não carece de exploração, para lhe atribuirmos a mesma cronologia: a sua cintura de muralhas, o *poço profundíssimo* (resto, talvez, de cisterna), seriam o suficiente para a sua classificação, se não lhe pudessémos juntar, em seu abôno, *as coisas que por lá há, que dizem ter sido dos mouros.*

Na região de Chaves, a indicação de *obras dos mouros* é elemento-guia seguro, de vestígio arqueológico.

Entre um e outro — Castelo e Circo — passa um trôço de via romana, e quer nessa área, quer mais para junto da Veiga, é vulgar o aparecimento de fragmentos de *tegulae, imbrices* e de *mós.*

São êstes, a meu vêr, os elementos básicos para a conclusão da vida, com certa estabilidade, neste local, pois não tive possibilidade de abrir qualquer trincheira que, por certo, nos daria espólio, pelo qual poderia confirmar a minha afirmação.

VIII. — **Os chamados «lagares dos mouros».** Arqueólogos distintíssimos têm, já, estudado estas peças, que o povo conhece sob a designação de *lagares* ou *lagares dos mouros*. O Rev.º Senhor Padre D. César Moran, no seu último artigo — « Albores de História Salamantina » — do vol. LII, fasc. III-IV da *Revista de Guimarães*, faz referência a uma peça dêste modêlo, na povoação de La Macolla, em Linares, sem contudo a estudar.

O mesmo faz o arqueólogo Rev.º Abade de Baçal, nos seus volumes IX e X das *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, dando-nos notícia de alguns, e pondo já a hipótese de terem tido aplicação agrícola.

Félix Alves Pereira, no *Arqueólogo Português* (vol. IV), estuda umas cavidades abertas em penedos de granito, próximo dos castros de Azere e Cabreiro, no concelho dos Arcos de Val-de-Vez, negando-lhes qualquer paralelo com as cavidades que, nas *Religiões da Lusitânia*, José Leite de Vasconcelos estudou como santuário — de Panoias — e dando-lhes, como outros, um fim agrícola.

Há, dentro dos trabalhos arqueológicos nacionais, dois — « Lagar dos mouros » e « Notícias de algumas estações romanas e árabes do Algarve », respectivamente na *Portugália I* e *Arqueólogo Português II* —, trabalhos êsses feitos por José Fortes e A. Santos Rocha, que estudam as peças, não só encarando o seu aspecto morfológico como a sua cronologia possível. Pela sua consulta, vemos que a sua bibliografia é pequena, e o estudo tem incidido sôbre elementos dispersos, dando-nos o aspecto — salvo nos dois últimos trabalhos citados — de referências ocasionais. Não existe um inventário geral tipológico, e, no intuito de carrear uma pequena pedra para um monumento que urge realizar, noticio, em seguida, os elementos que as vizinhanças de Chaves me deram, formulando hipóteses, que pessoas, com maiores possibilidades, confirmarão ou não.

Entre a povoação de Valdanta (Vale de Anta, cuja estação rupestre de Outeiro Machado o prof. Mendes Corrêa estudou), no lugar do Bom Retiro e as Quintas, em S. Lourenço, tive conhecimento de 8 peças talhadas na rocha granítica, de algumas das quais dou fotografias. Bastaria o seu grande número (se não fôsse, hoje, ponto indiscutível), para lhe negarmos qualquer fim de sacrifício religioso, como tinha, entre nós, o Santuário de Panoias, e, em Espanha, por

exemplo, a «Pia megalítica de Mougás», tão bem estudada por F. Bouza Brey, e que, anteriormente a alguns arqueólogos, suscitara dúvidas.

Entre as peças apontadas, encontrei dois tipos, diferentes nos seus detalhes, mas que, sem dúvida alguma, nos levam à mesma conclusão: terem sido construídas com uma mesma finalidade.

Em irregular estado de conservação, estão localizados: 1 no lugar do Bom Retiro em Valdanta; 1 no lugar da Póvoa — note-se o topónimo — na freguesia das Eiras (fig. IX); 2 na mata da Quinta da Condeixa (fig. X); 1 no lugar da Ribeira, a S de Condeixa (fig. XI); 1 a 100 metros a N da estrada para Mirandela, a seguir a S. Lourenço, dentro de uma propriedade que pertence a António Rosa; 1 nas Quintas, próximo da mesma povoação, e a uns 10 metros da estrada em terreno pertencente a Manuel António Mendes; e, finalmente, um outro, de que, na fig. XII e XIII, apresento dois aspectos, no lugar do Castelo, da freguesia das Eiras, dentro duma quinta, pertencente ao Dr. Félix Alves.

Resumindo: um em Valdanta, dois nas Eiras, três na Condeixa e dois em S. Lourenço.

Pior ou melhor construídos, bem ou mal conservados, sentindo-se a sua primeira deterioração na parede divisória dos dois reservatórios, todos, com excepção do representado na fig. IX, são formados por duas cavidades rectangulares desiguais, a diferentes níveis, e tendo, do mesmo lado e sem comunicação alguma com as outras — nìtidamente visível nas fig. IX e X —, uma terceira muito mais pequena.

É curioso notar as medidas desta pequena cavidade, que efectuei, onde o seu estado ainda o permitia: 0,60 m × 0,27 × 0,40 e, afastada da cavidade maior, 0,30; 0,60 × 0,37 × 0,37 e afastada 0,29; 0,49 × 0,30 × 0,37, com um afastamento de 0,30 (nas 3 dimensões, a primeira é a paralela ao eixo maior da cavidade grande, e a última a sua profundidade). Há, sem dúvida, uma certa igualdade nas medidas; o fim era o mesmo e, possìvelmente, até construídos pelo mesmo artífice.

Não se observa homogeneidade na orientação do conjunto e, em nenhum dos exemplares conhecidos, há vestígios de inscrições.

A cavidade de maior superfície e menor profundidade mostra uma certa inclinação em direcção à segunda, mais pequena, mas

com o seu fundo a um nível muito inferior. Liga êstes dois recipientes, um orifício feito na parte inferior e média da parede de separação.

Não sendo êste septo — parede divisória — de excepcional espessura, notei, como facto curioso, que o orifício de comunicação nêle efectuado, não se produziu por perfuração num mesmo sentido.

O artífice construtor operou, trabalhando a pedra nos dois sentidos, dando-lhe a forma de dois cones cujos vértices se encontraram. O orifício não apresenta forma cilíndrica, mas sim de um duplo cone com as respectivas bases voltadas para cada uma das divisões. Êste processo de trabalho denota, a meu ver, um certo primitivismo.

¿Qual a nomenclatura que o povo lhes dá, e qual o fim para que os julga criados? O povo, na região, chama-lhes *lagares dos mouros* e diz que *são lagares para uvas ou azeite, e servem para fazer vinho a correr.*

As suas divisões principais, diz essa mesma gente — por cuja bôca vemos, tantas vezes, resolver curiosos problemas —, são: a *lagareta* menor e mais profunda, e a que com ela comunica: o *lagar.* Por extensão, dão também êste último nome à cavidade rectangular (fig. XIV), operada num bloco de granito e situada a poucos metros do lagar da Póvoa. E até êsse povo — que para tudo dá explicação — diz que o rectângulo pequeno, junto dos lagares, *lá devia ser para meter qualquer coisa.*

Visto o problema sob o aspecto etnográfico, procuremos tratá-lo sob o arqueológico.

Junto ao lagar do lugar da Ribeira, vi a peça (que vai representada na fig. XV) de forma tronco-cónica. Um lavrador, que trabalhava perto, disse-me que aquela pedra era *um pêso do lagar que estava ali,* e que há anos havia um outro, junto do lagar existente na Condeixa, representado na fig. IX. A peça tem como medidas:

Perímetro da base: 2,m52
Perímetro da parte superior: 2,m02
Cavidade central cilíndrica: { perímetro: 0,m10 / altura: 0,m15

Sendo, esta região, riquíssima em vestígios arqueológicos, nota-se que êstes *lagares* — aplicando-lhes a terminologia popular, que julgo certa — não se encontram dentro da área circunscrita aos castros.

Êste facto, dá-se, igualmente, nas cavidades que Félix Alves Pereira estudou, próximo dos castros de Azere e Cabreiro.

Não esquecendo que os castros, com ou sem cintura ou cinturas de muralhas, tinham como principal fim servir de reduto, esta localização externa não é para estranhar; nos pequenos, pelo menos, muitos dos seus anexos encontrar-se-iam fora.

Mas vamos ao referido *pêso*. Em sentido diametralmente oposto e a tôda a sua altura, apresenta esta peça duas ranhuras com 3 centímetros de profundidade, aproximadamente, e que deviam servir para a passagem e segurança de qualquer corda. O seu aspecto, bem visível na figura, mostra uma certa perfeição de construção e conservação. As suas arestas apresentam-se perfeitamente boliadas, com uma regularidade tal que me leva a supor, não ter sido qualquer desgaste físico estranho ao homem que a provocou; só mão humana poderia fazer esta obra.

Não tendo o terreno, onde se encontra, sido sujeito a qualquer cultura, não podemos estranhar que o nível, a que se situa, seja o mesmo do lagar — superfície. Apresenta-se-me um pouco arriscada a afirmação de — vendo o paralelo com alguns actuais de forma primitiva — estarmos em face de um pêso (peça necessária à compressão), e que êle nos acuse a época do lagar. É de estranhar, à primeira vista, que êste objecto ainda se conserve à superfície do terreno; mas, numa região tão rica de granito, não havia precisão do seu aproveitamento, e talvez, por isto, o tenham deixado tranqüilo.

Se, por um lado, quer pelo seu aspecto, quer pela situação, nos cria dúvidas sôbre a sua cronologia, por outro a sua configuração e a proximidade a que se encontra levam-me a concluir que é um *pêso de lagar*. E não existia, nos lagares romanos, o uso de colocar, na extremidade do *prelum*, pesos grandes para aumentar a pressão? (Ver fig. 5388, pág. 166, vol. N-QUO da obra de Daremberg-et-Saglio).

Não me restam dúvidas, de que estamos em presença dos *torcularia* clássicos, romanos, com o seu *calcatorium* e o *lacus*.

Divergem, na forma, do de Besafrim, que Santos Rocha estuda na obra citada, o que dá ao problema maior interêsse, e mostra a necessidade de efectuar um inventário geral destas peças.

O lagar do Castelo (fig. XII), a meu ver, não é mais que um aperfeiçoamento dos outros. Os córtes verticais, nas paredes, porque não são para a colocação dos *arbores* e *stipites*, que regulavam o fun-

cionamento do *prelum?* Estamos em face do *torcularium* romano para vinho e, talvez, para azeite.

Êsse povo o trouxe, e até nossos dias se tem conservado mais ou menos aperfeiçoado, mas com as mesmas características basilares.

IX. — **Nota final.** Fazendo uma síntese do exposto, eu creio, depois de afirmar que *em S. Lourenço existiu uma póvoa eneolítica, e que êsse local foi habitado em tempos proto-históricos, poder aventar a seguinte hipótese: Houve, então, uma descida mais para a Veiga — região mais fértil — com total abandôno do primeiro, dando-se início às construções de que hoje nos restam largos elementos: os castros do Castelo e Circo, e os lagares.*

Assim creio que S. Lourenço deve estar quási vago de materiais posteriores a 2.500 a. C., e que o seu conhecimento mais completo vir-nos-ia fornecer novos elementos, para o estudo da cultura eneolítica em Portugal, indo completar os trabalhos referentes a esta época dos Rev.º P. E. Jalhay e Cap. A. do Paço.

O. M. B.
BIBLIOTECA

BIBLIOGRAFIA

« *Etnografia.* Tentame de sistematização », vol. II, pág. 355, por José Leite de Vasconcelos.

« *A póvoa eneolítica de S. Lourenço* », em *Brotéria*, vol. XXXI, fasc. VI, por Maxime Vaultier.

« *Chaves antiga* », por General Ribeiro de Carvalho.

« *Chaves. Apontamentos arqueológicos* », por Abade de Baçal.

« *Religiões da Lusitânia* », por José Leite de Vasconcelos.

« *Memórias Arqueológico-históricas do Distrito de Bragança* », por Francisco Manuel Alves.

« *Lagar dos mouros* », em *Portugalia*, vol. I, por José Fortes.

« *Notícias de algumas estações romanas e árabes do Algarve* », em *Archeólogo Português*, vol. II, por A. Santos Rocha.

« *A pia megalítica de Mougás e as práticas adivinatórias da Galiza Antiga* », em *Boletim de la Academia Gallega*, La Coruña. 1931, por Dr. Firmin Bouza Brey.

« *Tras-os-Montes* », por Luís Chaves.

« *Dict. ants. grecques et romaines* », lètra O e T (*olea* e *torcular*), por Daremberg et Saglio.

« *Etnografia da Beira* », vol. VI, pág. 186, por Jaime Lopes Dias.

« *Dispersos* », por F. Martins Sarmento.

« *Lusitânia pré-romana* », ed. mon. da *História de Portugal*, por A. A. Mendes Corrêa.

« *Cerâmica campaniforme de Mairos* », em *Homenagem a Martins Sarmento*, por Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior.

« *La cultura del vaso campaniforme* », por A. del Castillo Yurrita.

« *A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro* », por E. Jalhay e A. do Paço.

« *As grutas de Alapraia* », em « Anais da Academia Portuguesa de História », por E. Jalhay e A. do Paço.

« *Manuel d'Archéologie* », por J. Déchelette.

« *A geografia da pré-história* », por A. A. Mendes Corrêa.

biblioteca
municipal
barcelos
4444
Primórdios de História
Flaviense